

PÚBLICO, PORÉM PRIVADO: CAPITAL, TRABALHO E TRABALHADORES NO PROJETO JAÍBA/MG.¹

Auricharme Cardoso de Moura²

GLOBALIZAÇÃO, RELAÇÕES POLÍTICAS E TRABALHADORES: CONJECTURAS E PROCESSO HISTÓRICO.

Resumo: Obra faraônica, Califórnia brasileira ou paraíso agrícola são termos usados para se referir ao projeto Jaíba, considerado o maior projeto público de irrigação da América Latina. Construído na década de 70 o Jaíba foi responsável pelo crescimento demográfico, produtivo, territorial e econômico dos municípios por ele abrangidos, Jaíba e Matias Cardoso, ambos pertencentes à região Norte do Estado de Minas Gerais. Após 1980 gradativamente o capitalismo agrário foi penetrando neste perímetro agrícola sendo sua natureza pública (de subsistência) gradativamente alterada para privada (agronegócio exportador). Através da história social objetivamos analisar trajetórias e vivências presentes na cultura dos trabalhadores rurais do Jaíba. Confrontando a memória oficial com outras memórias possíveis através da análise de fontes impressas e orais foi possível verificar a disputa por espaços, narrativas esquecidas ou negligenciadas e constatar a participação de vários sujeitos na construção e desenvolvimento do processo social e histórico do espaço em estudo.

¹ O presente texto é resultado do projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Portanto a pesquisa encontra-se em andamento podendo está sujeita a mudanças.

²Universidade Federal de Uberlândia-(UFU). Mestrando em História Social, e-mail: charminho2006@yahoo.com.br.

Considerações iniciais

A área que atualmente corresponde ao projeto Jaíba passou a chamar a atenção do Estado a partir da década de 50 quando foi vista como uma região com grande potencial para o desenvolvimento da agricultura irrigada, entretanto não estava sendo explorada. Estudos realizados pelo Bureau Of Reclamation (Departamento de Reformas), dos Estados Unidos, identificaram uma grande porção de terras com grande capacidade para se construir um projeto agrícola de irrigação localizado entre os rios São Francisco e o seu afluente, o rio Verde Grande, abrangendo assim os municípios de Matias Cardoso e Jaíba. Segundo Antônio Maria Claret Maia, estes estudos abrangiam 310.000 hectares de terras, dos quais 230.000 hectares foram considerados aptos para a agropecuária e, destes, 100.000 são aptos para a exploração com irrigação (MAIA, 2007, p.74).

O polo hidro agrícola em estudo foi planejado para ser implantado em quatro etapas através de recursos estaduais, federais e externos através do BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento). A primeira etapa, com mais de 24 mil hectares irrigadas, foi concluída em 1997.

Na mesma época em que investimentos públicos privilegiavam o Jaíba houve mudança na conjuntura agrícola nacional e internacional sendo que o polo agrícola não ficou imune a tais transformações. Neste referido período (1970) a agricultura brasileira passou por uma reestruturação nos modos de produção, circulação e comercialização de suas mercadorias. Considerada como uma modernização conservadora tais mudanças possuem como características principais: avanço da divisão social do trabalho, difusão de novas tecnologias para o campo, a integração aos complexos agroindustriais e a inserção nos mercados globais de commodities.

O presente trabalho procura analisar os impactos da nova política agrícola no desenvolvimento socioeconômico do Jaíba, as mudanças e permanências na cultura³ dos trabalhadores rurais inseridos no mesmo. Na década de 1980, quando o Estado criou condições favoráveis à entrada do capital privado (nacional e estrangeiro) na região, a concepção jurídica ratificada no decreto estadual nº27. 418 de 05 de outubro de 1987 (RIMA, 1997, p. 57), salientando que o Jaíba seria um projeto de irrigação propriamente público foi, gradativamente, substituído.

³ Cultura neste texto é entendida a partir de Déa Ribeiro Fenelon abrangendo o termo para memória, trabalho, política, costumes, símbolos, valores e, enfim, como tudo que os homens produzem e atribuem significado. (FENELON, 2006.p 08.)

As transformações estruturais e tecnológicas do projeto Jaíba foram graduais tendo consequências diversas na vida dos moradores/trabalhadores. Esta proposta de pesquisa não é exceção à regra, ela também se origina de uma interrogação, ou melhor, de interrogações. As várias questões estão ligadas diretamente ou indiretamente aos trabalhadores rurais. Experiências, tradições, costumes e contradições sociais: quais os impactos destes conceitos na vida desses trabalhadores após as mudanças do Jaíba? Como as mudanças no modo de trabalhar e permanecer no campo contribuiu para a cultura do trabalhador com este espaço e com o próximo? Quais as visões dos trabalhadores acerca do discurso desenvolvimentista divulgado pela imprensa referente ao polo agrícola em questão?

Procurei centralizar o estudo nos impactos da construção do projeto Jaíba na vida da população ali inserida, enfocando primordialmente, a transformação da sociedade camponesa com a agricultura de subsistência para modos de produção visando lucratividade. Nesse ínterim é passível de discursão narrativas diversas acerca do Jaíba, algumas o considerando como meio catalisador de melhorias outros o julgando um investimento estatal para o benefício das empresas agrícolas.

História, narrativas e interpretações envolvendo o projeto Jaíba.

No propósito inicial de construção do Jaíba, o governo pretendia criar um amplo projeto de irrigação, onde os principais beneficiados seriam os pequenos e médios produtores rurais. De acordo com o inventário do município de Jaíba os objetivos do perímetro irrigado seriam: “desenvolver e promover a melhoria da irrigação na área do projeto; aumentar a produção agrícola e as oportunidades de emprego rural na região Norte do Estado; facilitar a futura expansão do subsetor de irrigação” (JAÍBA, 2005:07).

Todo esforço do poder público para concretização do Jaíba foi celebrado por vários meios de informação. Dada sua importância para o crescimento econômico do Norte de Minas, levando em consideração a divulgação e as expectativas criadas em torno desta grande obra, o Jornal Folha de Jaíba se manifestou da seguinte maneira “Uma nova fronteira agrícola está surgindo no Estado de Minas Gerais. Ela está localizada ao Norte, à margem direita do rio São Francisco. Trata-se do Projeto Jaíba- um dos maiores projetos públicos de irrigação da América Latina” (Folha de Jaíba, 1996:02).

Em 2003 o Projeto tinha uma produção de 192 toneladas por dia, sendo o primeiro abastecedor da Ceasa-MG em valor da produção e o segundo em volume, em relação aos demais municípios mineiros (DIJ, 2003:13). A união do capital agrícola com o capital

industrial proporcionou ao Jaíba se destacar no cenário nacional e internacional. Com a expansão da agroindústria outros setores consequentemente também se desenvolvem como o comércio, serviços, transportes, entre outros.

Com elogios e discursos focando que o Jaíba “fez nascer águas no sertão norte-mineiro” a imprensa local deixa subentendido que esta obra deve ser aplaudida por todos uma vez que todos vão usufruir de suas potencialidades. O principal jornal de Jaíba descreve a relevância do perímetro irrigado: “situado nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso, o Projeto é considerado pelos técnicos como uma redenção para a região, já que o Norte de Minas assemelha-se ao semiárido nordestino” (Folha de Jaíba, 1996:02). Castigados pela seca, os municípios de Jaíba e Matias Cardoso possuem o clima semiárido e a pobreza como características notáveis, sendo que a solução para a seca seria a agricultura irrigada advinda com um investimento considerado como a “Nova Califórnia brasileira” (DIJ, 2003:11).

A trajetória do projeto Jaíba parece mostrar que a política agrária foi subordinada a um contexto econômico neoliberal em que as leis do mercado são colocadas como superiores às leis do Estado. Com a criação do Distrito de Irrigação de Jaíba (DIJ) em 1988 o Estado gradativamente transformou o Projeto numa atividade privada. Simone Duarte e Mauro Tavares observam que, “sua criação foi a solução encontrada para que o Estado, pouco a pouco, passasse a responder menos pelo Projeto, proporcionando a transferência da responsabilidade do setor público para o privado” (DUARTE e TAVARES, 2001:86).

O que se nota é que a partir deste período alguns empresários ou grupo de empresários agrícolas do centro-sul brasileiro e alguns estrangeiros, começaram a adquirir terras na área do Projeto Jaíba. Várias empresas começaram a se inserir neste perímetro como, por exemplo, a OMETTO (especializada na produção de cana-de-açúcar), a BRASNICA (frutas tropicais), e mais recentemente a SADA (Bioenergia) e a Pomar Brasil (industrialização de púlpas de frutas). Observamos que com a incorporação da iniciativa privada, o perímetro irrigado que poderia ser um exemplo de Parceria Público-Privada (PPP)⁴ se mostrou como um lugar de desenvolvimento agrícola contribuindo para expansão dos interesses dos grandes grupos empresariais, que utilizaram os recursos públicos para reforçar interesses particulares.

⁴ Os últimos anos têm sido marcados por um aumento da colaboração entre setor público e o privado para o desenvolvimento e operação de infra-estruturas para um leque alargado de atividades econômicas. Assim os acordos das Parcerias Público-Privadas (PPP) são guiados por limitações dos fundos públicos para cobrir os investimentos necessários, mas também dos esforços para aumentar a qualidade e a eficiência dos serviços públicos.

A manchete do Jornal Folha de Jaíba retrata a chegada de uma empresa do agronegócio: “A SADA PRODUZIRÁ ÁLCOOL, BIODIESEL E MUITA RIQUEZA PARA O MUNICÍPIO DE JAÍBA”, abaixo o texto continha as seguintes informações

A SADA, maior transportadora de cargas do país, chega ao município de Jaíba, atraída pelo governo do Estado, em busca do grande potencial agrícola que a região apresenta como terras boas, solos férteis e disponibilidade de água. A SADA Bioenergia e Agricultura têm como objetivo a produção de Biodiesel, álcool e energia elétrica. A indústria foi construída com a máxima tecnologia disponível no mercado mundial, a um custo de 75 milhões de reais. A parte do plantio e aquisição de terras já consumiram mais de 50 milhões de reais (Folha de Jaíba, 2007:01).

A palavra desenvolvimento é um termo que muitas vezes é preciso ser submetido à crítica. Expressa uma ideia de progresso, modernização, evolução. O que parece claro é que isso acontece porque o discurso desenvolvimentista refere-se, prioritariamente, a um interesse social ou utilidade pública. Quando o poder público ou privado elabora investimentos/projetos justificando melhorar a condição de determinada comunidade, nasce e cresce na mesma proporção um ideal de esperança.

Diante das informações vinculadas sobre o Projeto referindo-o como modelo de irrigação e desenvolvimento, símbolo de terra fértil e com recordes de produtividade a cada ano, as estatísticas parecem que vendiam a imagem de que quem fosse morar no Jaíba teria garantida uma melhoria nas suas condições de vida.

As narrativas e os discursos revelam paralelismos, ou seja, pelo discurso oficial (empresas, mídia, governo) o agronegócio é a salvação da economia nacional, em oposição a esse discurso têm-se as narrativas dos trabalhadores que apontam cenários diferentes.

Algumas críticas partem de trabalhadores que, influenciados pelo discurso desenvolvimentista, abandonaram suas terras e foram morar no Jaíba, entretanto não encontraram o divulgado paraíso agrícola. O Sr. João Borges da Costa habitante do Projeto há mais de 23 anos comenta “quando cheguei tudo tava na mão dos empresários, o pobre num dá prá concorrer com o empresário, quando fazia um plantio ficava com a corda no pescoço, fui arruinado, foi ficando difícil prantar, o pequeno sofre muito prá sobreviver” (COSTA, 2009).

Paradoxalmente ao discurso desenvolvimentista e diferente das estatísticas de produção agrícola, existem problemas sociais que muitas vezes não são citados pelo fato das pesquisas mostrarem a realidade dos números (produtividade) e não das pessoas. No caso do

Jaíba são os pequenos produtores rurais e os trabalhadores que procuram ter, manter e permanecer na terra, seu local de faina diária.

Os pequenos e médios produtores rurais inseridos na área do projeto Jaíba ficaram prejudicados após a chegada dos grandes empresários agrícolas uma vez que não conseguem concorrer com eles. As dificuldades enfrentadas pelos lavradores são várias e constantes, obrigando-os a venderem ou arrendarem suas terras para os empresários. Em uma análise da Área “F” do projeto Jaíba, Simone Duarte e Mauro Tavares identificaram os problemas enfrentados pelos pequenos produtores como manuseio do produto, informações, beneficiamento, embalagem, transporte, organização, financiamento e canais de distribuição. Segundo os autores acima, acontece uma dependência de terceiros para escoamento da produção, isso faz com que o principal prejudicado seja o pequeno lavrador que não tem controle sobre o destino final dos seus produtos (DUARTE e TAVARES, 2001:83).

Com a incorporação dos oligopolistas na área do Projeto os pequenos lavradores foram prejudicados pela concorrência com estes empresários. O projeto Jaíba passou a atender e satisfazer a uma lógica das empresas privadas, onde grandes grupos empresariais passaram a se inserir no Projeto para satisfazerem seus interesses particulares. Com a entrada de ideais capitalistas na agricultura o perímetro irrigado, gradativamente, deixou de ser um modelo de agricultura de subsistência para transformar-se num polo de agricultura exportável.

Muitos lembram o projeto antigo, na sua forma original de agricultura sustentável. A senhora Angelina Rodrigues Mota trabalhadora rural do projeto há mais de 32 anos e conhecida como Sra. Lina afirma que:

Antigamente aqui já foi muito bom, quando eu e meu marido chegamos aqui não tinha empresa grande, não tinha malandragem de nego, todo mundo trabalhava, plantava e coia, todo mundo tinha um preço só, todo mundo plantava e organizava o preço. Hoje mau mau o produtor dá prá comer, o projeto antigamente era grande pra todo mundo, hoje ele é grande só prá uns(MOTA, 2009).

Percebe-se na fala da Sra. Lina que o sentimento de perda é visível, “o projeto antigamente era grande pra todo mundo, hoje ele é grande só prá uns”, ela possivelmente se refere a entrada do capital privado do tipo agroexportador na região e a concorrência e assédio as suas terras impostas pelos empresários. Nas entrelinhas de sua fala percebe-se que a narradora considera as empresas como invasoras de um espaço de harmonia onde existia uma economia mais solidária e de subsistência onde *todo mundo tinha um preço só*.

Por serem moradores mais antigos, muitos sentem pelo Jaíba um sentimento de posse. O Sr. João Barbosa de Oliveira, pequeno produtor rural, residente do projeto Jaíba há 25 anos, expressa em sua fala uma ideia de pertencimento

A gente mora aqui faz tempo né? Eu vivo da terra e minha família também vivi, desde há muito tempo, nós planta aqui colhe aqui, não saio daqui por nada, gosto daqui e minha vidinha daqui, aqui é bão, mesmo enfrentando lutas, aqui é bão não saio daqui não (OLIVEIRA, 2009).

Mesmo com os problemas e dificuldades relatados acima muitos trabalhadores rurais e agricultores acreditam que a situação pode melhorar. A infraestrutura existente, as promessas de ampliação do Projeto e com elas maiores oportunidades permitem otimismo de alguns, obviamente com algumas restrições. Os produtores pensam e narram a possibilidade de um futuro próspero, porém, a realidade atual precisa ser melhorada. Na fala do Sr. Sidimário Rodrigues da Silva são notórias suas esperanças e suas angústias

O projeto Jaíba tem grande quantia de terras para serem cultivadas e excelente estrutura de disponibilidade de água, mas o que falta aqui é uma política voltada para o pequeno produtor e aumento da produtividade, dando a nós condição para produzir mais e melhor, muitos tem dívida lá no banco e não podem custear a produção.(SILVA, 2009).

Alguns produtores como José Braga Mendonça já colhe frutos do Projeto no presente sendo que os resultados obtidos são satisfatórios: “Aqui não é nenhum paraíso como muitos acham, mas dá condições para o sujeito produzir, depende ter coragem para trabalhar. O Projeto tem um solo e um clima bom, acho que dá prá ganhar um trocadinho bom” (MENDONÇA, 2009). Suas considerações refletem perspectivas promissoras para ele e sua família. Natural da cidade de Francisco Sá, seu Zé Braga, como é conhecido, encontrou no Jaíba uma fonte de subsistência e dignidade, algo que não encontrou em sua cidade natal.

As opiniões dos moradores são diversas e, às vezes, conflitantes. Muitos acreditam que suas vidas melhoraram após a chegada das empresas, pois estas passaram a oferecer emprego e renda para eles sendo que o Estado não oferecia subsídios para que as famílias pudessem sobreviver da agricultura familiar. Outros afirmam que tais empresas são invasoras que tomaram as terras dos pequenos produtores sendo, portanto, maléficas para o Jaíba. Existem, ainda, os pequenos proprietários rurais que conseguiram melhorar de vida

através das plantações realizadas no Jaíba; estes trabalhadores acreditam que o perímetro agrícola ofereceu-lhes oportunidades até então inexistentes em outras localidades.

Considerações finais

Os principais fatores para a criação do Projeto Jaíba foram o contexto econômico nacional e regional em ascensão, novos investimentos nacionais e estrangeiros no setor agrícola e área com grande potencial agrícola. O Projeto mudou a estrutura produtiva, demográfica, territorial e socioeconômica dos municípios por ele abrangidos, ou seja, as cidades de Jaíba e Matias Cardoso.

Não podemos dizer que o Projeto está exclusivamente a serviço do capital privado, porém, é preciso colocar meio-termo no desenvolvimento social proporcionado por este perímetro hidro agrícola. A geração de milhares postos de emprego não foi totalmente alcançada e a natureza pública do Jaíba passou a ser desmerecida a partir da inserção da iniciativa privada no local em meados 1980.

Ao longo de várias entrevistas e com a seleção de algumas apresentadas neste trabalho observamos que não existe uma visão homogênea dos habitantes, ao contrário, existem visões que atestam os prós e os contras acerca da criação e transformações do projeto Jaíba, fator que gera contradições e indefinições. Para alguns o Jaíba significou um paraíso agrícola, sendo alternativa viável para solucionar seus problemas. Para outros, porém, o Projeto não proporcionou mudanças significativas em suas vidas e o sonho de possuir uma terra para agricultura familiar não foi concretizado.

Pensar que o projeto Jaíba criou ou fez criar vencedores e perdedores é ir contra os fatos e as fontes. Estigmatizá-lo dessa maneira seria descrever uma história a partir da visão da classe dominante, sendo ela, representada aqui pelas empresas, a vencedora. É mais aceitável, a partir dos relatos ouvidos, pensar que muitos, através da conquista do emprego, conseguiram melhorias sociais e dignidade já que o emprego na atualidade é sinônimo de tal adjetivo. A partir das entrevistas observamos que muitos comparam o passado em solos distantes ao presente no verde das lavouras no Jaíba e mesmo sem emprego ou sem terras as oportunidades e as condições de vida são mais favoráveis, fator que gera expectativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FENELON, Déa Ribeiro. Apresentação. In: **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'água, 2006.

DUARTE, Simona Viana, TAVARES, Mauro Calixta. **Sistema de produção de produtos agrícolas: facilidades e dificuldades de escoamento da produção – Um estudo de caso do Projeto Jaíba**. Unimontes Científica. Revista da Universidade Estadual de Montes Claros - Vol.2, nº 2. Montes Claros: UNIMONTES, 2001, p.86.

MAIA. Antônio Maria Claret. (Org.) **Uma realidade chamada Ruralminas**. Belo Horizonte: Ruralminas, 2007.p.74.

RELATÓRIOS

Distrito de Irrigação de Jaíba(DIJ). **Projeto de irrigação de Jaíba**. Prefeitura Municipal de Jaíba. Prefeitura Municipal de Matias Cardoso. Minas Gerais. 2003.

JAÍBA. Prefeitura Municipal de Jaíba, Secretaria de educação-gerência do patrimônio cultural. **Plano de inventário do município de Jaíba**, 2005.

RIMA - Relatório de impactos ambientais- **Projeto Jaíba**. Relatório Final/volume 7- Estudos Ambientais 7.2. Relatório de impactos ambientais. 1997.

RIMA- Relatório de impactos ambientais- **Projeto Jaíba**. Relatório Final/volume 7-Estudos Ambientais 7.2.1998

JORNAIS

Jornal folha de Jaíba, Ano V, nº 71, 2ª quinzena de abril de 1996.

Jornal Folha de Jaíba. Ano XVI, Nº 126, Setembro de 2007.

ENTREVISTAS

COSTA, João Borges da. Entrevista concedida a Auricharme Cardoso de Moura em sua residência no dia 12/05/2009.

MENDONÇA, José Braga. Entrevista concedida a Auricharme Cardoso de Moura em sua residência no dia 18/06/2009.

MOTA, Angelina Rodrigues. Entrevista concedida a Auricharme Cardoso de Moura em sua residência no dia 30/06/2009.

OLIVEIRA, João Barbosa de. Entrevista concedida a Auricharme Cardoso de Moura em sua residência no dia 25/05/2009.

SILVA, Sidimário Rodrigues da. Entrevista concedida a Auricharme Cardoso de Moura em sua residência no dia 27/06/2009.